



## FACEBOOK EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESENCIAL

Polyanna Camêlo<sup>1</sup> (UNIBRATEC)

**Resumo:**

Utilizar as redes sociais, especificamente o Facebook, para práticas pedagógicas a serem avaliadas em seus aspectos positivos e negativos no que dizem respeito ao ensino-aprendizagem, bem como ao envolvimento dos sujeitos nestes processos.

**Palavras-chave:** educação, automidialidade, Facebook.

**Abstract:**

Using the social network, Facebook, for pedagogical practices, analyzing the pros and cons of its use as a teaching and learning tool, as well as making differential observations on improving the teacher-student relationship.

**Palavras-chave:** education, automidiality, Facebook

### Introdução

Todas as vezes que um novo meio de comunicação surge e passa a mediar a vida das pessoas de modo hegemônico, começam os discursos do medo em relação às mudanças que o acompanham. Quando a televisão invadiu as casas das pessoas, as críticas a este setor específico da Indústria Cultural foram ferrenhas. A teoria de Jean Baudrillard sobre a simulação que a imagem televisiva (e também publicitária) vende fez com que muitas pessoas vivessem atrás de simulacros, vidas espelhadas que nunca atingiam a perfeição das telas. A publicidade como cadáver sorridente (Oliviero Toscani)<sup>2</sup>, sempre mostrando um mundo perfeito demais. Não é a toa que o único livro que aparece na trilogia *Matrix*, é *Simulação e Simulacro*, de Baudrillard. Ele foi um dos que teorizou sobre o efeito perverso da mídia em expansão. Além disso, a literatura sofreu também dos males medonhos da mudança das tecnologias de comunicação. O cinema de autor, de François Truffaut, valendo-



se de obra literária escrita por Ray Bradbury na década de 50), dirigiu seu único filme em inglês e primeiro colorido, *Fahrenheit 451*. O filme é uma ficção científica que se passa num futuro indefinido, onde as pessoas são proibidas de ler, e os livros são procurados por bombeiros que os incendeiam. Daí o título do filme, a temperatura em que os livros queimam, que equivale a quase 233 graus Celsius. Na história, o governo manipula as pessoas através da televisão, proibindo, perseguindo e extinguindo os livros.

Figura 1: A leitura é proibida em ficção futurista no cinema cult da *Nouvelle Vague* francesa



Foto: Cena do filme *Fahrenheit 451*, do diretor francês François Truffaut

Percebemos que, do mesmo modo que a televisão ameaçou o fim da leitura; hoje, os computadores, tablets e smartphones amedrontam aqueles que se apegam à tradição da escrita e da leitura gramatical. O internetês, como vem sendo chamada a nova linguagem do mundo virtual, recebe ao mesmo tempo que inúmeras críticas, tantos estudos linguísticos que analisam os novos usos em questão. Finalmente, a nosso ver, não há o que temer. Se antes temíamos o fim da



leitura, hoje concluímos que nunca se leu tanto, nem se escreveu tanto quanto na contemporaneidade. Noutros tempos, quem escrevia tendia à litatura, hoje, todos são escritores. Publicam, comentam, curtem, compartilham, criam blogs, conversam em chats, fóruns, etc. E a pergunta que antes se destinava a filósofos existencialistas “Quem sou eu?”, hoje é obrigatória para o preenchimento do perfil em qualquer cadastro de rede social a qual se pretenda ingressar. Todos estamos nos escrevendo, pensando-nos profunda ou superficialmente, quem somos, o que fazemos, o que gostamos ou não gostamos, o que aprendemos, desejamos, sonhamos, etc. Toda uma nova geração, chamada de Y, cresce respondendo a estas perguntas, e alterando as respostas na medida em que a rede social da moda muda. Os perfis são modificáveis, as fotos são trocadas, os estados de pessoas solteiras para casadas, e tudo o mais. Mas se Baudrillard via efeitos perversos em mudanças que já se anunciavam, nós percebemos para além desse efeito **perverso**, um outro efeito, ao qual chamamos **reverso**.

Em artigo publicado na web, sob o título de *Imagens em Fricção*<sup>3</sup>, discorremos sobre a qualidade **onírica** cada vez mais presente nas artes e na sociedade midiática da atualidade. Questionamos o lugar da ficção, bem como o que é o real, para percebermos que a morte social de Baudrillard tem, além de um efeito perverso, também, e sobretudo, um efeito reverso: o de procurar o real no fundo das aparências. Assim, a imaginação, passa a ocupar um lugar privilegiado, nestes tempos de crise do real e da verdade objetiva. O lugar da arte onírica sendo, portanto, o lugar mágico da exaltação da subjetivação artística em seu grau mais explícito. Como o artigo era parte de nossos estudos sobre **Arte Onírica** para tese de doutorado concluída em 2010<sup>4</sup>, seus estudos não se debruçaram a cerca da educação, e sim da arte; de como a mesma caminhou para libertar o imaginário artístico individual e quebrar limites temáticos, estilísticos e materiais. A arte, como outras áreas de criação e conhecimento, vem se beneficiando das inovações tecnológicas. A ideia de a arte contemporânea ser onírica, vem dessa capacidade de compartilhamento do imaginário individual, como nunca antes. Quando alguém



poderia assistir aos sonhos de uma outra pessoa? Como alguém poderia dar visibilidade aos sonhos? Isso é o design, de desenho, materialização (mesmo que virtual) do que era invisível, imaginado, e se torna visível. Por isso, o cinema com suas imagens em movimento (*moving pictures*) é um trabalho de *dreamworker*, como em *DreamWorkers* animation. Não é a toa que a animação está associada aos sonhos por excelência. Ela cria novos mundos, e faz da fantasia individual, visibilidade coletiva.

O cinema (principalmente o de animação) tem essa capacidade mágica de fazer ver os sonhos de um outro, ou de outros, já que o trabalho com cinema é resultado de uma equipe, como bem quis mostrar novamente Truffaut, em *La Nuit Américaine* (*A Noite Americana*), de 1973. O filme ressalta o trabalho cinematográfico, ao fazer metacinema, o cinema sobre o ato de fazer cinema. Pois bem, em nosso livro mais recente, demos continuidade à tese de arte onírica desenvolvida no doutorado, ao falar sobre *MovieDesign e Arte Onírica*<sup>5</sup>. Mostrando que no cinema, podemos assistir a sonhos e fantasias alheias, sentados, de nosso lugar escuro, projetando-nos sobre essas fantasias das quais nos apropriamos tão fantásticamente. A conclusão dessa pesquisa, é projeto para outra, sobre o mundo dos games. Já que neles, o onírico é elevado a um estado de compartilhamento que ultrapassa a passividade de quem apenas assiste. Nos jogos, participamos de sonhos visíveis. Somos personagens nas fantasias criadas. Se a arte onírica no cinema ganha imagens em movimento transformando-se numa realidade visível, de mundos irrealis; no game, ela carece de participação de outros para existir. É preciso interagir, jogar, para que a fantasia aconteça; e assim sendo, o sonho do criador só existirá com o jogador. Juntos, em interação, eles criarão sempre sonhos distintos, já que uma jogada nunca é igual a outra. Além do mais, a tendência dos jogos hoje é que sejam infinitos, tornando-se de fato *second lifes*.

Pois é fato que a vida contemporânea é cada vez mais tecnológica. Novas tecnologias, novas linguagens, novos divertimentos, novos modos para quase tudo.



E em tudo isso, a intermedialidade, criando a partir da junção de várias linguagens (aqui chamadas de mídias) uma nova linguagem, intermediática. Imagem, vídeo, áudio, texto, tudo se torna hipertexto. O texto potencializado, a ele somado o que antes não se somaria. Como um livro poderia cantar? Ou mostrar um vídeo? Os meios tinham suas características. Rádio, tocava música, tinha apenas o áudio. O livro, as letras, ou imagens, mas estáticas. Hoje, o Facebook congrega tudo. E mais que isso, tudo sobre tudo. Há notícias políticas, petições, charges, piadas, propaganda, vida pessoal, amores e ódios, arte, fotografias, ilustrações, vídeos, postagens, blogs. Intermedialidade. Tudo junto, aos pedaços. Tudo de tudo, e de todos. Porque se o Facebook nasceu como uma rede social fechada para alunos de uma elite privilegiada<sup>6</sup>, agora ele é de qualquer um que crie um perfil e vá encontrando seus amigos, e adicionando novos. Essa é a nossa era, a Idade Mídia.

Entretanto, curiosamente, a educação está atrasada em relação às transformações tecnológicas. Há uma história sempre recontada entre quem estuda os fundamentos da educação à distância que fala da construção de uma máquina do tempo para trazer um cirurgião e um professor do passado para o presente. O primeiro não conseguiria compreender o funcionamento de um grande centro hospitalar, nem operar numa sala cirúrgica atual. Porque a tecnologia transformou muito os modos de fazer (*modus operandi*) na área da medicina. Já o segundo, mesmo num grande campus universitário, ou talvez sobretudo num assim, não encontraria problemas em ministrar uma aula. O que tiramos disso tudo, é a óbvia conclusão de que a educação ainda não se apropriou da tecnologia de modo a modificar seu *modus operandi*. E a crítica pode ser ainda pior, pois quando se usa a tecnologia, geralmente esta serve para dar as mesmas aulas de sempre, de modo mais facilitador, apenas. Ou seja, trocamos o quadro verde pelo branco; e o retroprojetor pelo datashow. Fora isso, o que de realmente novo estamos fazendo? A educação à distância vem apontando caminhos para as mudanças em educação que utilizem a tecnologia e de fato transformem as relações professor-aluno, ensino-aprendizagem.



Foi pensando sobre este problema, que resolvemos dar início ao projeto de pesquisa em andamento desde o início do ano corrente (2012). Quando surpreendemos nossos alunos com aulas presenciais mas virtuais, em laboratórios, utilizando o Facebook, no horário das aulas, no campus tecnológico da Unibratéc. Foi preciso preparar as máquinas para o acesso dos alunos ao site, já que o Facebook era bloqueado em todas elas, para que os alunos não se distraíssem durante as aulas. Pois bem, se o objetivo do curso superior é o de preparar o aluno para o mundo, e se este mundo está chamando-o a todo instante (as mensagens instantâneas aparecem no *smartphone* com sinais de alerta a qualquer hora), é preciso que o mesmo consiga produzir e trabalhar enquanto está online, já que o estado de estar online agora é quase sempre intermitente. E essa foi uma das questões trabalhadas com eles. Como fazem em suas casas e nos trabalhos para realizar o que precisam e ao mesmo tempo estarem conectados com o Facebook, o email, e outras redes sociais chamando-os a todo instante? Como usar dessa possibilidade de conexão para benefício da produtividade, seja acadêmica seja profissional?

Obviamente, aos alunos foi apresentado o projeto de pesquisa do qual fariam parte a partir daquelas aulas piloto. Todos eles receberam com muita satisfação a proposta e se conectaram imediatamente. Foram quatro as turmas que fizeram parte da pesquisa durante o primeiro semestre de 2012. No curso de Design, com o primeiro período do turno da manhã, a disciplina de **História da Arte e do Design (HTA)**; com o segundo período noturno, a disciplina de **Fundamentos da Comunicação (FCOM)**; e com o quinto e último período do curso (os formandos), a disciplina de **Avaliação da Comunicação Visual (AVCV)**. E no curso de Redes de Computadores, com quinto período (este curso tem seis períodos), a disciplina de **Metodologia Científica (MET)**. Para todas elas, foram criados grupos abertos, em que não somente os alunos eram adicionados, mas também outros professores do curso, de modo que puderam participar interdisciplinarmente das postagens, já que as viam e também eram citados. Na disciplina de AVCV, por exemplo, os alunos



trabalharam sobre o projeto de conclusão de curso, que era a elaboração de um artefato de design, orientado pela disciplina de projeto final, que tinha uma temática geral, guia para toda a turma. A culminância dos trabalhos é uma exposição que acontece a cada semestre na Unibratex, a ExpoDesign. No primeiro semestre deste ano, a temática da ExpoDesign foi uma pergunta que abrangia acessibilidade. Você tem Acesso? Tendo em vista esta pergunta, a disciplina de AVCV norteou trabalhos sobre o Acesso Urbano. Já que Recife, onde a Unibratex está localizada, está passando por mudanças de trânsito e muito transtorno por conta das alterações de engenharia urbana preparativas para sediar alguns jogos da Copa do Mundo de futebol.

Com o uso da internet, e todos conectados, unidos por um grupo, podíamos pesquisar imagens referentes a propagandas e produtos ligados direta ou indiretamente ao trânsito urbano. E avaliar as mesmas em tempo real, ao serem publicadas. Além disso, a turma foi dividida em algumas equipes, onde cada uma ficou responsável por desenvolver peças visuais de educação urbana para um meio de transporte escolhido. Assim, cada equipe pesquisava campanhas sobre o transporte em questão, postava, avaliava, recebia sugestões dos outros grupos que acompanhavam o trabalho de todas as equipes, podendo assim participar ativamente do que estava sendo feito. Além da pesquisa por referências, os grupos postavam o andamento das campanhas em elaboração. Para as quais também recebiam participação ativa. Devido à maturidade desta turma, já que se tratou dos formandos, os usos atingiram um alto grau de satisfação, tanto por parte dos docentes, quanto por parte dos discentes. A primeira atividade foi criar a identidade visual para o grupo de nossos trabalhos no Facebook. As duas imagens a seguir são o print da visualização em tela primeiro das propostas para a criação da identidade visual do grupo Acesso Urbano por um dos alunos, Raphael Sena; cujo trabalho foi escolhido por toda a turma em votação por enquete realizada no próprio grupo. Depois, o resultado da imagem no perfil do grupo.



Figura 2: Criação da identidade visual do grupo Acesso Urbano



Printscreen de atividade no Grupo Acesso Urbano

Figura 3: Identidade visual do grupo Acesso Urbano no Facebook



Printscreen da Identidade Visual finalizada do Grupo Acesso Urbano





Para o trabalho com a disciplina de Avaliação da Comunicação Visual, a possibilidade de compartilhar imagens em tempo real, e sobretudo de obter opiniões imediatas tanto dos colegas de turma, como de outros professores e profissionais da área de design que foram adicionados ao grupo, deu à disciplina dinâmicas inimaginadas para o limite do tempo e do espaço de uma sala de aula tradicional. Os alunos postavam links ou atividades a qualquer hora, em qualquer dia, mesmo em feriados, já que muitos aproveitam o tempo livre para realizar os trabalhos pendente e estão conectados sempre que estão trabalhando com os softwares gráficos em seus computadores residenciais.

Figura 4: Demais sugestões para a Identidade visual do grupo Acesso Urbano no Facebook



Printscreen de postagens para a criação da ID do grupo

Foram tantas as postagens dos trabalhos em curso para campanhas sobre o Acesso Urbano para cada um dos meios de transporte escolhidos, que se sugeriu a criação de álbuns com as mesmas para organizar o conteúdo de cada grupo num local facilmente encontrado. Os grupos postavam seus trabalhos fora do horário de aula, como no exemplo a seguir do grupo que trabalhou com campanhas voltadas para o táxi, que postou suas sugestões às 16:23h do dia 6 (seis) de maio, e teve



feedback de outros dois colegas de turma em menos de dez minutos após a postagem.

Figura 4: Trabalhos da equipe Táxi Cidadão



A atividade acima não foi apenas postada fora do horário de aula, mas sobretudo, num domingo, posto que seis de maio foi um domingo. Sendo assim, o Facebook, enquanto rede social acessada por todos a toda hora, possibilitou o feedback por parte de todos que participaram do grupo, ajudando sobremaneira no desenvolver dos trabalhos. Sendo assim, as aulas pelo Facebook não apenas dinamizaram as aulas mas aceleraram as atividades, já que não era preciso esperar pela aula da semana seguinte para dar andamento às atividades.

E ainda hoje, terminada a disciplina e graduada a turma, o grupo está em atividade. Pois tem sempre algum agora-ex-aluno se deparando com uma notícia



em relação a transporte urbano, e decidindo a compartilhar no grupo Acesso Urbano. Como no exemplo a seguir, postado numa sexta-feira às 09:28 da manhã. Ou seja, o grupo ainda está ativo e serve de veículo de comunicação sobre o tema entre os interessados.

Figura 5: O grupo Acesso Urbano ainda em atividade



Printscreen de postagem recente no grupo Acesso Urbano

É claro que é preciso estar disposto a trabalhar mais, e a estar conectado integralmente, recebendo notificações a qualquer hora. E isso envolve outros problemas, relativos à carga horária de trabalho não remunerada. Em nosso caso, recebemos por pesquisar, de modo que pudemos dedicar nossas horas de pesquisa ao acompanhamento destes trabalhos em horários e dias imprevisíveis.

Além disso, estávamos instigados pelas descobertas, pela participação ativa dos alunos, e pelo desenvolver das ideias sobre os usos pedagógicos com o Facebook tanto em horário de aula, como em momentos extra-classe. Portanto, para o professor conectado, certamente será preciso dedicação extra. E se antes os alunos não tinha acesso ao telefone do professor, tendo que resolver dúvidas em



horário de aula, hoje eles possuem alguns professores como **amigos** no Facebook e/ou em outras redes sociais. O que nos leva à questão seguinte: quais as mudanças que o contato em rede social acarreta ao relacionamento entre professores e alunos?

Para responder a esta e outras perguntas, realizamos, ao final do semestre letivo em que trabalhamos com os grupos pilotos, um questionário através do *Google docs*.

Figura 6: Sobre o relacionamento aluno-professor com o uso do Facebook, onde todos tornam-se amigos na rede social



O relacionamento entre alunos e professores no sistema tradicional de ensino impõe um distanciamento hierárquico entre estes e aqueles. Esse distanciamento poderia até ser justificado em tempos onde os professores eram de fato pessoas de idade mais avançada que os alunos. Já que antes da era digital, o conhecimento precisava ser encontrado em grandes centros de saber, e para



estudar era preciso viajar, frequentar bibliotecas, etc. Uma pesquisa sobre qualquer tema levaria muitos anos para juntar os conhecimentos necessários à elaboração de uma dissertação sobre o assunto, mais ainda se para uma nova tese. Hoje em dia, muito mudou.

Nossa dissertação de mestrado sobre *Poesia e Alquimia*<sup>7</sup>, levou em consideração a leitura de muitos tratados alquímicos medievais, todos disponibilizados na rede, em centros de estudo e preservação do saber que os digitalizou, criando bibliotecas virtuais, que possibilitaram o estudo à distância de um tema tão hermético. Do contrário, seria necessárias muitas viagens, muitos anos de pesquisa para se fazer um mestrado sobre o tema associando-o ainda mais à psicologia junguiana e então à literatura, no caso, africana, já que nos valem da obra de Mia Couto, escritor moçambicano, como corpus textual literário em análise.

Pois bem, em tempos pré digitais, o professor sabia mesmo mais que os alunos. Mas hoje em dia, algo mudou. Com o acesso toda sorte de informação na rede, qualquer pessoa pode se tornar perito (mesmo sem titulação acadêmica) a respeito do que desejar. Além disso, os jovens estão ganhando saberes muito cedo, e alcançando posições de ensino em turmas de sua faixa etária, muitas vezes. De todo modo, a faixa etária não vai mais ser importante, e sim, o tempo de dedicação ao conhecimento que cada um empreendeu.

Sendo assim, percebemos uma mudança no perfil dos professores universitários (principalmente do setor privado, que tem exigido, muitas vezes, apenas uma especialização para o docente estar apto a ensinar), em relação ao grupo de alunos. O que observamos é que estes alunos naturalmente vêem o professor como alguém como eles mesmos. Jovens, em sua posição de trabalho; e não mais como um superior.



Neste caso, para solidificar essa mudança, a utilização da rede social como ambiente de aprendizagem que exige novos métodos de ensino, aproxima alunos e professores, já que os mesmos estão ligados pela rede como amigos, e compartilham não apenas conteúdos escolares, mas sobretudo, conteúdos pessoais. Assim, os alunos sabem não apenas da formação e titulação de seus professores, mas também de sua vida familiar e afetiva. As relações passam a ser mais humanas, onde os sujeitos envolvidos despem-se de suas posições sociais e apresentam-se iguais enquanto indivíduos que amam, riem, choram, decepcionam-se, etc.

Por isso mesmo, ao serem perguntados sobre se o uso da rede social ajuda a tornar mais íntimos professor e alunos, a maioria respondeu que sim, como mostramos na figura 6. De um total de 59 respostas, 56 (95%) respondeu que sim, que o Facebook ajuda a tornar mais íntimos professores e alunos. Apenas três alunos (5%) responderam que não os torna mais íntimos, por se tratar de uma ferramenta virtual. E ninguém afirmou ser ruim essa aproximação mais íntima. Afinal, em tempos de Facebook, a intimidade vem deixando de ser uma qualidade almejada.

A questão é ainda polêmica, tanto que o Departamento de Educação da cidade de Nova York, nos Estados Unidos, publicou o *Social Media Guidelines*<sup>8</sup>, um guia de orientação a professores nas redes sociais que proíbe os docentes de se comunicarem com alunos em blogs e sites sociais, como o Facebook, o Twitter, o Flickr, o Google+, e mesmo o YouTube. Segundo as normas estabelecidas pelo *Social Media Guidelines* novaiorquino, é necessária uma prévia autorização da Instituição de ensino para a utilização de sites de relacionamento para fins pedagógicos. Ainda assim, depois de autorizado o uso, o docente deve criar um perfil profissional, desvinculado de sua conta pessoal, inclusive com uso de email alternativo, e ser obrigado a rejeitar qualquer pedido de amizade por parte de alunos em sua conta pessoal.



Para o Departamento de Educação, o objetivo do guia é assegurar que as redes sociais sejam utilizadas por professores de forma “segura e responsável”, de modo que “as redes sociais devem ser como uma sala de aula. Os mesmos padrões esperados no ambiente profissional devem ser também adotados nos sites”, diz claramente o guia. Além disso, haverá vigilância aos perfis pessoais dos educadores, de modo que os mesmos não podem esperar qualquer tipo de privacidade nestas contas profissionais (o que garante que também não nas pessoais?), já que o Departamento de Educação irá monitorá-las para “proteger a comunidade escolar”.

O guia é curioso e severo, e parece estar na contramão dos avanços comunicacionais promovidos pela tecnologia. Entretanto, é preciso ter em mente a cultura americana, sobretudo a novaiorquina, para entender os medos que os motivam a atitudes como esta. Por que professor e aluno não podem ser amigos? Relações humanas sinceras não podem advir de ambientes profissionais?

Deixando a polêmica de lado, voltamos aos resultados dos usos do Facebook como ferramenta pedagógica. Quando perguntados se aprenderam mais ou menos com o uso do Facebook em novas práticas pedagógicas, das 59 respostas, 42 (71%) responderam que aprenderam mais através da pesquisa, dos comentários e dos compartilhamentos possibilitados nas aulas presenciais em laboratório com o uso do Facebook. Outros 17 (29%) responderam que aprenderam mas que preferem aulas tradicionais (figura 7). Enquanto que ninguém disse que não aprendeu. O aprendizado é garantido, e a maioria dos alunos aprendem mais online, percorrendo seus próprios caminhos de pesquisa, onde o professor é apenas tutor, e instigador das temáticas a serem pesquisadas.



Figura 7: Você aprendeu nas aulas em que o Facebook foi utilizado como ferramenta pedagógica, através do compartilhamento de pesquisas?



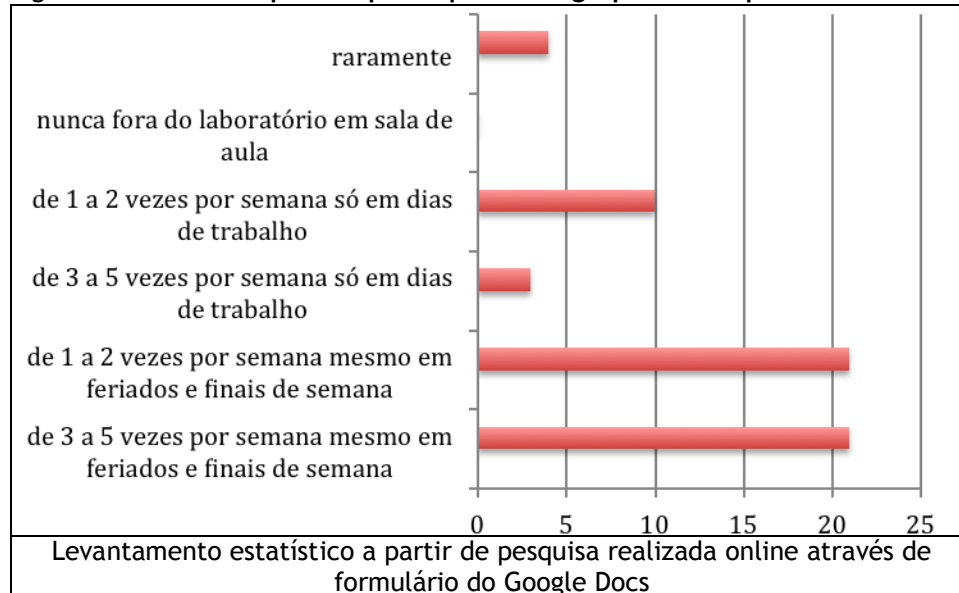
Outro aspecto positivo, além do aumento no aprendizado, foi o aumento da frequência em dedicação aos conteúdos escolares. Porque em disciplinas cuja aula acontece uma vez por semana, os alunos se distanciam dos conteúdos (a não ser que sejam exigidos trabalhos e atividades extra-classes, sempre em caráter de obrigatoriedade). Mas com o uso do Facebook, rede social utilizada pelos alunos quase que diariamente, os mesmos mantinham-se conectados também aos assuntos e *posts* da disciplina, comentando ou acrescentando informações mesmo fora do horário de aula. Apenas 4 alunos (7%) responderam que raramente realizaram atividades no grupo fora das aulas em laboratório. Todos realizaram alguma atividade no horário extra classe; sendo que 10 alunos (17%) mantiveram contato com as atividades e o conteúdo de uma a duas vezes por semana só em dias de trabalho; 3 (5%) de 3 a 5 vezes por semana também somente em dias e horários comerciais; e a mesma quantidade de alunos 21 (36%), responderam participar dos conteúdos e atividades do grupo da disciplina no Facebook de 1 a 2 vezes por





semana e de 3 a 5 vezes por semana independente de ser feriado ou final de semana (figura 8).

Figura 8: Sobre a frequência participativa no grupo da disciplina no Facebook



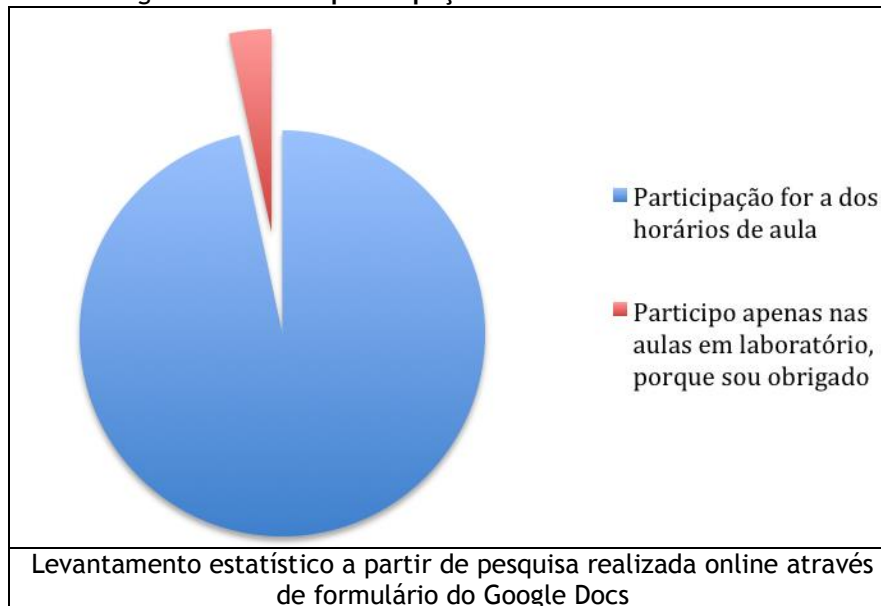
Como podemos observar, o uso de rede social como ferramenta pedagógica pode trazer benefícios e facilitar na criação de novas práticas pedagógicas que estimulem a participação dos alunos não somente no horário das aulas, mas sobretudo, nos intervalos entre aulas, onde o aluno geralmente esquece do compromisso com os assuntos em aprendizagem. Mas com a rede social, que já o mantém conectado, faz com que ele permaneça conectado também com as atividades do grupo da disciplina que está sempre sendo comentado e acrescido de novos conteúdos, estimulando a participação de todos. Além de promover *marketing* na rede, já que professor e instituição passam a figurar nos *feed* de notícias do aluno, e assim, em toda sua rede de relacionamentos.

Sendo assim, 97% (57 alunos, do total de 59 pesquisados) disseram participar das aulas em horário extrac-classe, enquanto que apenas 2 alunos (3%) do total



afirmaram participar apenas nas aulas de laboratório na Instituição UNIBRATEC de Ensino Superior, como mostra a figura 9.

Figura 9: Sobre a participação em horário extra-classe

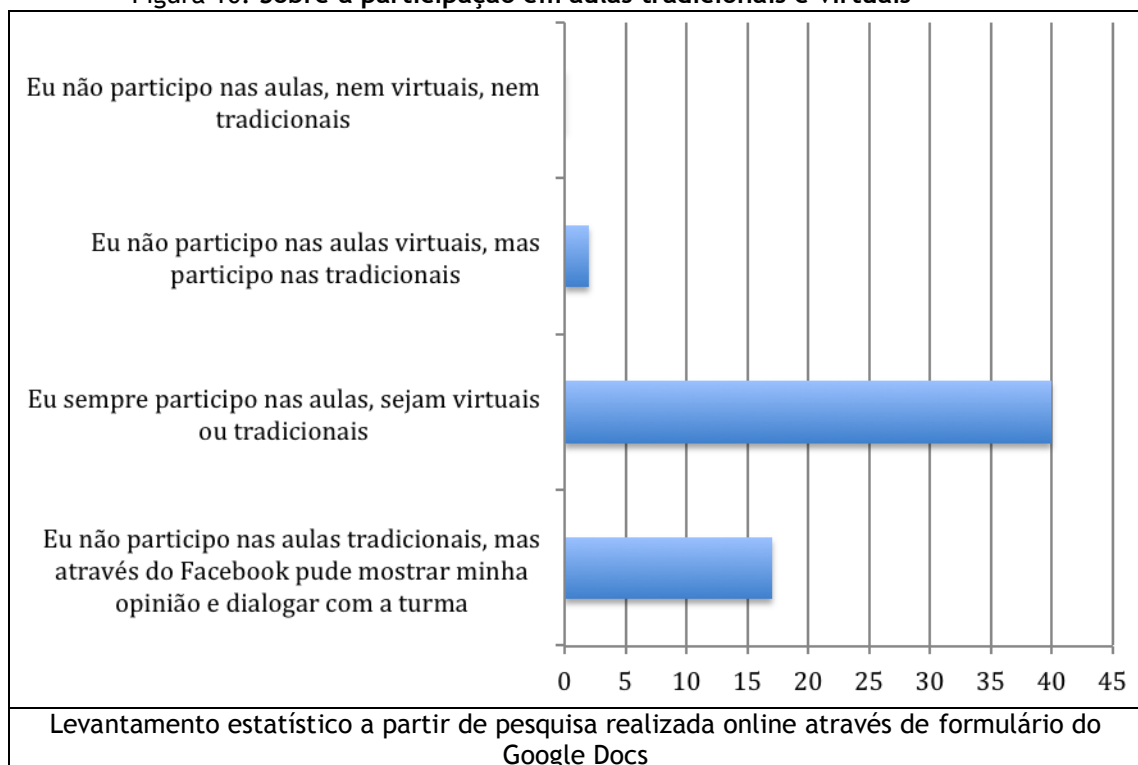


E para finalizar, outro benefício do aprendizado intermediado por rede social, e portanto, virtualizado, é a participação dos alunos que por timidez não participam nas aulas tradicionais, e que na rede social, por detrás das máquinas, perdem a inibição e encontram mais facilidade ao expor suas ideias. É comum aos alunos em posição passiva na distribuição da arquitetura dos lugares da aula tradicional, sentirem vontade de falar mas não encontrarem a coragem no momento certo da aula. Muitas vezes, eles veem esse momento passar, e se sentem frustrados com a perda da oportunidade de ou tirar uma dúvida, ou esclarecer e acrescentar conteúdos à aula. Pensando nisso, e tendo observado a participação ativa de alunos que em sala de aula nunca se manifestam, foi acrescentada à pesquisa a pergunta sobre a participação deles tanto nas aulas tradicionais como nas virtuais, comparativamente. E os resultados foram os esperados. Os alunos que participam nas aulas tradicionais, continuam participando



nas virtuais, foi a resposta de 40 deles (68%). Há ainda os que não participam nem de um jeito nem de outro, 2 (3%) deles, sendo portanto uma minoria. Mas o que de fato nos interessa agora são as 17 respostas (29%) que se antes não participavam nas aulas tradicionais, nas virtuais encontram o que necessitam para colaborar na construção do conhecimento, como nos mostra o gráfico da figura 10.

Figura 10: Sobre a participação em aulas tradicionais e virtuais



Por tudo isso, entendemos que as redes sociais podem ser usadas positivamente em novas práticas pedagógicas que estimulem a pesquisa na web, e solicitem uma maior participação dos alunos como não mero receptores do conteúdo acadêmico, mas sobretudo, construtores críticos do mesmo.

Mesmo porque, não há como fugir das novas tendências comunicacionais. Do mesmo modo como tivemos medo do fim dos livros, não podemos temer o fim da posição hierárquica do professor, enquanto aquele que professa, profeta de



verdades absolutas. Além disso, a convergências das mídias, a intermedialidade, deve ser aproveitada enquanto multiplicadora de ferramentas pedagógicas antes limitadas à oralidade do docente. Video, audio, texto, fotografia, gráfico, tudo deve ser utilizado a seu modo e em seu tempo, para aprendizados mais dinâmicos e atrativos. Ainda mais quando a tendência da intermedialidade é culminar na automidialidade. Esta, ainda pouco estudada, vem ser o fenômeno contemporâneo por excelência, em que as práticas do si mesmo estão intimamente ligadas à construção de narrativas identitárias hoje exigidas a qualquer um que se conecte à grande rede, desde a simples criação de um perfil. Sim, vivemos uma época automidiática, autobiográfica e a educação não pode se ausentar do fenômeno, pelo contrário, precisa imergir no mesmo para tirar proveito de suas vantagens.

Nós vivemos em uma época autobiográfica. [...] Para cada mídia, as culturas são cada vez mais transformadas pelas narrativas, produções e performances identitárias. (EGAN & HELMS, 2008)<sup>9</sup>.

---

<sup>1</sup> **Polyanna CAMELO, Profa. Dra.**

União dos Institutos Brasileiros Ltda (UNIBRATEC)  
polycamel@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Idealizador da polêmica campanha publicitária da *United Colors of Bennetton*, publicou o livro *A publicidade é um cadáver que nos sorri*, onde expõe críticas severas à publicidade tradicional que se vale de velhas fórmulas para vender um mundo perfeito.

<sup>3</sup> <http://www.hipertextus.net/volume3/Polyanna-Angelote-CAMELO.pdf>

<sup>4</sup> <http://www.pgletras.com.br/2010/teses/tese-Polyanna-Angelote-Camelos.pdf>

<sup>5</sup> CAMELO, Polyanna. *MovieDesign e Arte Onírica*. Olinda: Livro Rápido, 2012.

<sup>6</sup> Idealizado por Mark Zuckerberg, na Universidade de Harvard em 2004, logo abriu cadastro para outras universidades e depois para o ensino médio, e então para todo o mundo; atingindo a marca de mais de 1 bilhão de usuários ativos em outubro de 2012 (dados da Folha de São Paulo, em 04 de outubro de 2012).

<sup>7</sup> *Poesia e Alquimia em Terra Sonâmbula de Mia Couto* é o título da dissertação de mestrado defendida na Pós-Graduação em Letras da UFPE, em 2002, sob a orientação do Prof. Dr. Sébastien Joachim.

<sup>8</sup> Publicado no primeiro semestre de 2012, disponível para download em <http://schools.nyc.gov/NR/rdonlyres/BCF47CED-604B-4FDD-B752-DC2D81504478/0/DOESocialMediaGuidelines20120430.pdf>

<sup>9</sup> Relatório de Carmen Birkle (Universités de Maïence/Vienne), Auto/Biography and Mediation: 5<sup>th</sup> International Auto/Biography Association Conference (Autobiografia e Mediação: 5a Conferência Internacional da Associação de Autobiografia).